



No ultimo O CAFÉ NOS LIVROS referimo-nos aos antigos Cafés de São Paulo, onde se tomava a saborosa bebida, sem pressa, despreocupadamente, sentado à mesa.

E ainda de Afonso Schmidt as informações que relacionamos diante sobre o mesmo tema. Diz o notável conhecedor das coisas de Piratininga em matéria sob o título OS VELHOS CAFÉS: «No centro da cidade foram desaparecendo, um a um, todos os cafés de dantes. Falando de velhos cafés, lembramos-nos daqueles estabelecimentos que, num passado relativamente próximo, eram encontrados nas ruas do Triângulo e davam nota característica à vida da cidade.

Havia cafés de vários gêneros, de diversos feitios. Dos mais humildes, nas travessas e ruas de má nota, aos grandes estabelecimentos rodados de colunas, com dezenas de mesas e uma freqüência geralmente escolhida. Naquelles tempos, muita gente ainda se lembrava do «Europeu», café que permanecia aberto dia e noite.

Há trinta anos, tínhamos o Java, o América, o Brandão e o Acadêmico. Quase sempre houve um café acadêmico no centro da cidade. O último, no Largo de São Bento, fechou há pouco as suas portas.

Quando São Paulo ainda contava desses cafés, a vida era diferente. Muita gente vivia nos cafés. Quando se falava em determinadas pessoas, geralmente figuras populares da cidade, dizia-se que eram encontradas em tal café, de tantas e tantas horas, na quarta mesa à direita...

O café era escritório, endereço, ponto de palestra, ponto de reunião de amigos e de gente da mesma profissão. Havia quem ali, por excesso de parelho e frugalidade, fizesse algumas de suas refeições. Uma amêndoa com pão e manteiga, custava quatro tostões. Nem sequer havia gorjeta... Um pormenor: a manteiga era aplicada ao pão mediante pincel. Os fregueses sabiam disso. E os frequentadores antigos se julgavam com direitos. Não raro, um garçom gritava para a cozinha:

— E' para o moço do chapéu grande; carregue na brocha da manteiga...

As mesinhas eram de mármore. Os fregueses gostavam de rubricar naquellas pedras brancas, com vellos ligeiramente azulados. Se ali existissem esses mármore, bem poderiam ir para o Museu. Estavam sempre cheios de desenhos, de poesias, de retratos, de sátiras e, não raro, de mofinas.

Cada café tinha sua roda. Sua gíria particular. Suas anedotas. Seus illustres fregueses. Com o tempo, foram desaparecendo os cafés mais característicos. O alargamento da Praça da Sé eliminou algumas ruas e com elas desapareceram estabelecimentos populares, de nomes absurdos. Por outro lado, a tendência de fazer, no futuro, nos cafés acabou por transformá-los em restaurantes. E' o caso do Guarani. A introdução das máquinas criou

os «expressos», embora agora sejam de coador. Recebidos, a principio, com reservas, o público estabeleceu-se com tais estabelecimentos, onde não há cadeiras nem mesas, e a gente se encosta ao balcão para servir o café.

A escassez de espaço veio liquidar os antigos estabelecimentos. Já não são possíveis cafés imensos como o América ou o Brandão. Quem dispõe hoje de um salão daquelles proporções, não mais instala um café, instala tantos cafés quantas sejam as portas e ainda que lhe sobra salão para outras tantas casas comerciais...

Hoje, quem quiser encontrar um arremedo daquelles velhos e saudosos cafés, tem de tomar o bonde do Brás. Talvez encontre por lá alguns estabelecimentos que se lhes pareça. Mas dizem os velhos, com uma pontinha de saudade — já não são a mesma coisa.»

CAFÉ GUARANI

«De 1904 a 1914 (não dou um vinte pela exactidão destas datas) o Café Guarani brilhou entre os muitos cafés de São Paulo, dos quais posso citar o Brandão, o Girandola, o Java, o Caridade e os diversos Academicos. Situada de frente da Travessa do Comercio, tinha de manhã à tarde a freguesia de comerciantes e corretores, mesmo no tempo em que o Bar Baron era uma cervejaria «chique à beira».

Mas a sua glória era à noite. Sempre concorrido, cheio de falatórios e risadas. Um salão enorme para aquelle tempo. Mesas de mármore, cadeiras austriacas. Compridos bancos laterais com espaldares de couro. No fundo, um estrado com grades. Nesse estrado, a orquestra. As valsas de Lehar e Strauss estavam em moda. Ali se reuniam médicos, advogados, jornalistas prósperos, políticos de certo prestigio e, principalmente, estudantes. Lá em cima havia bilhares. Um clube não sei de que. Na porta, um preto velho, gordo, de cachên, desempenhava as funções de leão-de-chacara.

Depois da meia-noite, com a terminação dos espetáculos no Santana, ali perto, na Rua 3 de Dezembro, no antigo São José, à Rua Xavier de Toledo, onde foi construido o edificio da «Light» e no Politeama, à Ladeira São João, o café enchia-se de familias que iam fazer um lanche antes de tomarem o bonde para seus bairros. Ali pelas duas, o salão já estava quase deserto. Caixeiros apagavam lâmpadas incandescentes. Na mesa eu-curdão só permaneciam animadas as mesas do fundo. Eram os retardatários, que vinham das reuniões sindicais. O Pimenta dos «Gráficos», o João Freire dos «Garçons», o Antonelli da «Construção Civil e Ancoras».

E os jornalistas menos prósperos. Redatores, tipógrafos e revisores dos matutinos instalados nas proximidades entravam de gola erguida, as mãos nos bolsos, por causa do frio. Bom-dia, Rubens do Amarel Bom-

dia, Barjonas. Bom-dia, Caramella. O tempo era de penuria. Eu, para ser franco, não dispunha todas as noites dos quatro tostões para a média com pão quente. Mas os caixeiros eram uns camaradões. Havia aquele careca (Deus lhe fale na alma...) que, nem bem eu acabava de fazer a menenda gritava para dentro:

— Está pago? Suspenda a louça! E o garçom mais próximo arrebatava a pratos e xicaras, sem importar-se com reles questões de dinheiro. Lá dentro, na gerência, havia também uma caixa para pequenos empréstimos. Quando o jornalista, ao sair do serviço, metia a mão no bolso e via que não tinha niquel para o bonde, ia falar em particular com o Armando (seria mesmo esse o nome do simpático proprietário?) e levava dez «lonas» para as despesas do dia. No fim da quinzena, ia pontualmente saldar o débito, primeiro por ser honesto, segundo porque a bagatela não dói um dia só...

Dai-a popularidade do Café Guarani que, há pouco, foi posto abaixo para dar lugar a um arranha-céu. Ele era conhecido não só aqui mas nas cidades do Interior. Amigos que, lá longe, embarcavam para a Capital, marcavam encontro com três dias de antecedência, naquele estabelecimento:

— Sábado próximo, ao meio-dia, no Café Guarani. Está bem? Páco...

Deixemos, agora, um clipe da historia do café na cidade e volcamos nossa attenção para a historia da economia cafeeira. A proposito da materia diz o sr. Paulo F. Alves Pinto na Revista Brasileira n.º 12:

«Desde a nossa primeira crise da rubiêca no século, a de 1906, cuja solução encontrada no convenio de Taubaté e longamente debatida no ambiente politico do país, foi a mais inadequada possível, até os dias de hoje a posição de nosso café tem sido defendida ora por expedientes oportunistas, posteriormente revelados ruinosos, ora por fatores da natureza, (gradas, secas etc...) ser indicando-se de ambos os eventos os agentes da comercialização do produto, em geral firmas de grande porte internacional que por sua conta ou associadas a exportadores indigenas, fruem em detrimento dos produtores e do país os melhores proventos oriundos desse setor.

O expediente encontrado em 1906 quando o café se tornara gravoso para os produtores, mercê da firmeza e mesmo valorização anterior do mil réis, foi refinar o mercado livre parte da produção que seria colocada mais tarde quando os preços ascendessem em função da alta da medida, pois a procura superaria a oferta, que embora não sendo abundante, assim se tornaria com a enorme safra desse ano.

Tivemos o inicio da construção dos reguladores que abrigariam o café e manteriam seu preço.

Os maiores beneficiados com essa politica foram os grandes grupos financeiros internacionais fornecedores do capital necessário à empreitada que ganharam na qualidade de proprietários do dinheiro (remunerado com juros, comissões, etc...) e como exportadores (caso da Theodor Wille & Co.) pois garantiram artificialmente altos preços para o produto do seu comércio.

Essa etapa praticamente terminou com o inicio da guerra de 1914-18 periodo em que o comércio geral, em particular o do café muito sofreu com as dificuldades de transporte, desordem do mercado e baixa mesmo do produto, além da apropriação dos nossos estoques situados na Alemanha pelo inimigo.